

RAMON LLULL E O LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA: TENTATIVA DE RETOMADA DOS IDEAIS DA CAVALARIA CRISTÃ

Paula Carolina Teixeira Marroni – GTSEAM - PPE/UEM – CAPES

Palavras-chave: História da Educação. Ramon Llull. Virtude. Literatura. Cavaleiro.

EIXO 3. FONTES E MÉTODOS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Introdução

Este trabalho possui como tema a retomada do ideal da cavalaria cristã (*milles Christi*) pela obra *O Livro Da Ordem De Cavalaria*¹ de Ramon Llull (1232/1235 – 1316, Palma, Espanha) do século XIII da Europa Medieval. Objetiva tecer uma análise a respeito de como a obra selecionada, enquanto fonte literária, pode evidenciar a preocupação de Llull com a retomada de conceitos, valores, ideias e virtudes da cavalaria cristã no século XIII.

A existência de permanências e rupturas, bem como a complexidade das relações culturais da transição entre diferentes gerações e valores propagados por elas parecem ser evidenciados na obra de Ramon Llull. O estudo de sua influência é abordado por diferentes áreas de conhecimento: filosofia, arte, direito, linguística, ciências da computação, sociologia e história.

Ramon Llull possui uma vasta obra escrita que tratou de ensinamentos da doutrina cristã para crianças, concepções relacionadas à sua teoria própria de Arte, de educação da nobreza. Neste sentido, dada a variedade de assuntos abordados por Llull, ao traçar o caminho metodológico para a pesquisa, elegemos para seu desenvolvimento a análise histórica referente à História Social. Esta escolha se deve, dentre outros aspectos, pela possibilidade da abertura para vários campos de abordagem e da importância do diálogo entre a obra e o contexto social na qual foi concebida. Salienta-se a importância da História Social como caminho metodológico para este trabalho - uma vez que a hipótese é a de que para a história, esta obra possui a importância de, como fonte, revelar elementos que auxiliam na compreensão do comportamento social necessário para aquele período histórico, pois se configura enquanto manual pedagógico que ditava o modelo ideal para um grupo determinante na estrutura social medieval.

¹ obra original elaborada entre 1279 e 1283; traduzida para o Português por Ricardo da Costa, 2000, aprovada pelo Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio.

Ramon Llull: retomada de conceitos, valores, ideais e virtudes da cavalaria cristã no século XIII

Llull era fluente em Latim, Catalão e Árabe, o que, para ele, era fator determinante (e quase que obrigatório) no processo de conversão dos muçulmanos – uma vez que somente sabendo comunicar-se com os infiéis com linguagem adequada era possível argumentar através da razão a superioridade da religião Cristã. Esta argumentação parece ser uma das bases de seu trabalho catequético.

A obra de Llull configura-se em geral como catequética. Observa-se isto pela preocupação da escrita de obras como *A Doutrina para Crianças* (1274-1276); *O livro da passagem* (1292); *O livro derradeiro* (1305); *O Livro da Aquisição da Terra Santa* (1309), estes três sobre as Cruzadas e a própria biografia ditada por ele, em *Vida Coetânia* (1311). Suas obras revelam o intuito da conversão do islã, do fortalecimento da fé cristã por meio da educação de vários segmentos da sociedade, tais como as crianças e os cavaleiros. Para este estudo, destaca-se a obra referente à educação da cavalaria cristã no século XIII, *O Livro da Ordem de Cavalaria*.

Ramon Llull era, segundo Souza (2011), proprietário de terras e próximo à nobreza, o que justifica, segundo Franco Junior (1984) sua educação para consagrar-se cavaleiro, ou *Miles Christi*. Sendo assim é possível inferir que os ensinamentos que Llull traz neste livro são próprios de sua vivência cotidiana e da teorização que elaborou após profunda reflexão sobre suas práticas.

Llull apresenta a educação do cavaleiro permeada pela elevação das virtudes como justiça, sabedoria, caridade, lealdade, verdade, humildade, fortaleza e esperança, todos eles precedidos do mais importante – amar e temer a Deus. Estas virtudes são componentes na constituição do cavaleiro que defende a fé de Cristo. O cavaleiro deveria ser corajoso, justo e vitorioso porque teria sido ungido por Deus para levar sua palavra. Dessa forma, esta obra literária visava à educação do cavaleiro por meio do seu comportamento, dos valores que norteiam a cavalaria cristã e dos ideais que deveriam ser difundidos por esta, considerada modelos de educação da sociedade.

Llull sugere como ser um bom cristão e obter a salvação, objetivo fortemente intrínseco aos homens medievais. Além disso, ditava regras que auxiliariam na formação do cavaleiro e de sua revalorização enquanto modelo social. Para tanto, Llull afirma que a ordem de cavalaria não possuía mais tanto respeito perante a sociedade, pois além dos cavaleiros perderem o ideal de

virtude, coragem e justiça, a cavalaria não era um ofício ensinado em escolas e em livros como as outras ciências:

Ora, se os clérigos têm mestre e estão em escolas para serem bons, e se há tantas ciências que se encontram em forma de doutrina e letras, injúria muito grande é feita à Ordem de Cavalaria porque não é uma ciência ensinada pelas letras e por não ter escolas como têm as outras ciências. Logo, por isso, aquele que compõe este livro suplica ao nobre rei e à toda sua corte que está reunida pela honra da Cavalaria, que seja satisfeita e restituída a honrada Ordem de Cavalaria, que é agradável a Deus (LLULL, 1279, C. I. 15).

Além dos livros, a ordem conquistaria o respeito por ser a forma pela qual as virtudes perdidas poderiam ser recuperadas. Para isto, Llull prepara uma história, apresentada no *Prólogo* da obra. Na história, um velho cavaleiro, que estava para morrer e gostava de refletir sobre seu passado e a situação decadente em que a cavalaria medieval se encontrava no século XIII, encontra um homem que descobre ser um aspirante a cavaleiro a caminho de um reino. Neste encontro, o velho entrega ao aspirante um livro que seria uma obra a respeito da instituição da ordem de cavalaria – suas funções, suas regras, seu treinamento, suas cerimônias. É por este motivo que o velho pede que o aspirante a cavaleiro leve o livro consigo e mostre-o para o rei e para todos os outros cavaleiros. Vejamos suas palavras:

- Amável filho – disse o cavaleiro – eu estou perto da morte e meus dias não são muitos; ora, como este livro foi feito para retomar a devoção e a lealdade e o ordenamento que o cavaleiro deve ter para manter a sua Ordem, por isso, belo filho, levai este livro à corte aonde ides e mostrai-o a todos aqueles que desejam ser novos cavaleiros. Guardai-o e apreciái-o se amais a Ordem de Cavalaria (LLULL, 1279, Prólogo, 11).

Para o velho, o aspirante a cavaleiro, após lê-lo, poderia compreender a real função do cavaleiro, ou seja, defender a verdadeira fé de Cristo, bem como os valores que faltavam ao cavaleiro, para que recuperasse seu ideal. Para o velho, o Livro, ao ser levado pelo aspirante ao reino e entregue para que fosse lido por todos os cavaleiros, poderia, ao mesmo tempo, restituir as virtudes que haviam sido perdidas pela ordem de cavalaria, e revalorizar o cavaleiro perante a sociedade. Entendia-se que o Livro seria uma obra literária sobre a cavalaria, honra que jamais havia lhe sido concedida. Ao ser entregue ao rei o Livro, os ensinamentos da ordem de cavalaria

estariam, assim como outras ciências, contidos em um livro e poderiam então restituir o respeito para a ordem.

O livro sobre o qual Llull falava era o próprio *Livro da Ordem de Cavalaria*. Após o *Prólogo* que narra a história do encontro entre o velho cavaleiro e o escudeiro aspirante, a obra inicia os sete capítulos que comporiam o livro a ser entregue ao rei. A obra parte desde o começo da cavalaria, do ofício que pertence ao cavaleiro, do exame e da cerimônia para receber a cavalaria, das armas e costumes que pertencem ao cavaleiro e das honras que devem ser prestadas a eles.

A busca por um ideal perdido, uma retomada de virtudes e valores que ora pertenceram à cavalaria medieval possuía um profundo sentido para Llull. Para ele, estas virtudes e valores eram tão presentes neste modelo ideal de cavaleiro que, no princípio desta ordem, séculos antes, os cavaleiros foram chamados para buscar as virtudes que haviam sido extirpadas no mundo. No momento quem que o livro apresenta o começo da cavalaria, observa-se a seguinte afirmação:

Faltou caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo; começou a inimizade, deslealdade, injúria e falsidade; e por isso surgiu o erro e turvamento do povo de Deus, que foi criado para que Deus fosse amado, conhecido, honrado, servido e temido pelo homem (LLULL, 1279, Cap.1, 1.).

Para Llull, as qualidades do amor e do temor à Deus, somadas às qualidades da nobreza de coragem e dos bons costumes, seriam as responsáveis por trazer de volta para a sociedade as virtudes perdidas: a caridade, o ensinamento, a verdade e a justiça. Infere-se aqui que esta retomada de valores perdidos poderia dar-se por meio do exemplo que o cavaleiro cristão era para a sociedade. Entendemos que a educação é um processo que ocorre para além das instituições formais de educação: ela se dá pelas relações com a sociedade, experiências e exemplos que retira-se dela. Considera-se, para este trabalho, a grande importância que modelos de conduta social exercem na educação da sociedade para além das instituições formais, compreendendo as relações sociais estabelecidas, experiência de vida. Neste caso específico, o modelo de conduta em questão é o cavaleiro medieval dotado dos ideais, virtudes e valores que Llull buscava retomar.

Modelos educativos e exemplos de conduta são traços marcantes nas diferentes civilizações (LUPI, 2010). Observa-se que o fenômeno educativo é convocado para contribuir no

processo de transformações sociais. A este fenômeno educativo podem ser consideradas várias ações, desde a formulação de estratégias de ensino das mais variadas até a transmissão de valores e conhecimentos de forma espontânea no ambiente familiar, religioso e convívio social, como a educação por agentes sociais ou por modelos de conduta.

Desta forma, a transmissão de modelos de conduta social implica em um ideal de homem, apresentado em alguns momentos como destemido, valente e protetor, ou ideal por ser responsável por seus atos:

[...] Todas as civilizações praticaram a guerra, e a praticam ainda, e quase todas têm o guerreiro como máximo herói, geralmente no topo das classes sociais e dirigentes. É tido como uma mostra, ou um ícone, da questão de sobrevivência, pela necessidade de usar armas para defender o grupo, a cultura, a civilização ou o império (LUPI, 2010, p. 127).

Considerando-se as afirmações do autor a respeito da existência de modelos de heróis em todas as civilizações, no caso do recorte temporal escolhido para este trabalho, Idade Média, principalmente entre os séculos XI e XII, observa-se a constituição de uma figura que pode ser apresentada como modelo de homem a ser seguido naquela sociedade: o cavaleiro. O cavaleiro medieval acaba por inspirar a imagem de um homem corajoso, forte, defensor, fiel.

Nesse sentido, retomamos algumas afirmações de Arias (2010):

Com alguma frequência é apresentada para nós, nos dias atuais, a imagem idealizada de cavalaria medieval como a de um grupo formado por homens de elevada conduta moral e ética, voltados à proteção dos fracos e oprimidos, com uma fidelidade inabalável ao seu senhor ou rei e à palavra dada em juramento (p.11).

Além de Arias (2010), Barthélemy (2000) também afirma que até hoje em dia, a figura do cavaleiro, especialmente o cavaleiro francês aparece como um modelo de coragem e generosidade. Esta figura idealizada, exemplo a ser seguido porque temente a Deus e defensor da fé cristã, consolidou-se como ícone no período medieval, e principalmente na época das cruzadas.

A respeito das cruzadas, vale ressaltar que o século XIII, contexto de escrita da obra, foi um século advindo de um período marcado por renascimento comercial, surgimento das cidades, das universidades, das corporações de ofícios e de todo um debate que colocava em cheque as

estruturas que a igreja cristã havia construído socialmente. Novas relações sociais eram apresentadas, segundo Oliveira (2007).

O ideal de cruzada guerreira já não fazia mais o mesmo sentido, mesmo com os apelos papais, e Ramon Llull. De acordo com Rousset (1980) tentou-se elaborar uma teoria de cruzada missionária, cruzada pela conversão dos fiéis, buscando a revalorização do ideal de cruzada, mesmo que não compreendido no momento de sua elaboração no século XIII:

[...] a partir de 1291, o ano da tomada de São João d'Acre pelos muçulmanos, completou-se o período das Cruzadas gerais (...) Os apelos à Cruzada e os projetos de Cruzada por parte dos papas serão ainda numerosos, mas quase não terão eco. Por outra parte, o desenvolvimento das missões veio pouco a pouco e entre os melhores substituir a Cruzada; [já] vimos [...] o início dos esforços missionários das Ordens mendicantes. Graças ao catalão Raimundo Lúlio, em especial, fixaram-se princípios, elaboraram-se métodos, em suma, esboçou-se uma doutrina missiológica que devia, no pensamento desse teólogo, substituir a Cruzada. Na realidade - e as dificuldades encontradas por esse missionário bem o demonstram -, essa doutrina nova, esse comportamento insólito, praticamente não foram compreendidos nesse começo do século XIV; a Cruzada verdadeira já não era praticada nessa época e a atividade missionária mal se havia iniciado. É notável constatar, no entanto, que as missões dos Dominicanos e dos Franciscanos na Terra Santa não desapareceram inteiramente com os Estados latinos; uma Cruzada pacífica vinha suceder à Cruzada guerreira (ROUSSET, 1980 p.217).

Observamos a tentativa de Ramon Llull para revalorizar o ideal de cruzada, nos moldes missionários, uma vez que a cruzada guerreira já não era praticada no fim do século XIII como nos séculos XI e XII. No bojo do ideal de cruzada, o cavaleiro medieval, enquanto responsável pela conversão dos infiéis, pela defesa da fé cristã, precisava comportar-se de maneira adequada ao seu posto, uma vez que era um ícone na sociedade. Este ícone, para Llull, devia pautar-se em virtudes, em amor e temor à Deus. Uma vez que as cruzadas não eram mais praticadas, a ordem cavaleiresca já não possuía a mesma função em fins do século XIII como nos séculos anteriores, nem o cavaleiro medieval possuía mais a mesma conduta. Desta forma, percebe-se no *Livro da Ordem de Cavalaria* a intenção de Llull em mostrar aos cavaleiros e à sociedade quão importante é ser nobre, possuir princípios, valores, principalmente se quando se pertence a um grupo na sociedade que está em evidência e inspira outros membros da sociedade.

É por este motivo que considera-se o cavaleiro como um exemplo de conduta relacionada às virtudes, que pode auxiliar na retomada das mesmas pela sociedade uma vez que os cavaleiros saibam e queiram amar, conhecer e honrar à Deus e suas obras, “e para dar doutrina às gentes e bom exemplo em amar e honrar a Deus” (LLULL, 1279, C.. I. 10.). Além disso, Llull afirma que “Quanto mais nobres princípios tens, mais obrigado a ser bom e agradar a Deus e às gentes estás”. Ou seja, o cavaleiro é apresentado como um modelo de conduta, de comportamentos necessários e que lhe são cobrados por sua posição e função social. Sua função social, inclusive, é apontada por Llull como a responsável pela retomada dos ideais ausentes:

No começo, como veio ao mundo o menosprezo de justiça devido à minguagem de caridade, convieio que pelo temor a justiça retornasse à sua honra. E por isso, de todo o povo foram divididos em grupos de mil e de cada mil foi eleito e escolhido um homem, mais amável, mais sábio, mais leal e mais forte, e com mais nobre coragem, com mais ensinamentos e de bons modos que todos os outros (LLULL, 1279, C. I. 2).

Por ser o mais forte, com mais nobre coragem, balanceando com o amor e a sabedoria, eleito entre muitos por ter mais “bons modos”, o cavaleiro reunia virtudes para cumprir a função sagrada de levar a fé cristã e proteger os mais fracos. Porém, era necessário assumir esta responsabilidade, de forma que ao adentrar a cavalaria, a decisão era pautada em refletir a respeito de sua função e ter em mente o que o motiva: “[...] Quem quer entrar na Ordem de cavalaria lhe convém meditar e pensar no nobre começo da Cavalaria e convém que a nobreza de sua coragem e seus bons modos concordem e convenham com o começo da Cavalaria” (LLULL, 1279, C I. 5). Ou seja, a escolha da cavalaria envolvia uma tomada de decisão consciente de sua responsabilidade, perante a fé Cristã e perante a sociedade. Neste sentido, inclusive, Llull aponta que ao optar pela cavalaria, o cavaleiro não pode deixar de amar e respeitar as outras ordens, uma vez que Deus não faz uma ordem contrária a outra. Deveria amar os clérigos e conhecer as virtudes que os inspiram, uma vez que eram as mesmas que deveriam inspirar os cavaleiros. Portanto, Llull afirma que todo cavaleiro deve possuir virtudes e conhecer profundamente suas características:

Todo cavaleiro deve conhecer as sete virtudes que são raiz e princípio de todos os bons costumes e são vias e carreiras da celestial glória perdurável. Das quais sete virtudes são as três teologais e quatro

cardeais. As teologais são fé, esperança e caridade. As Cardeais são justiça, prudência, fortaleza e temperança (LLULL, 1279, C. VI. 2).

Além de conhecer e possuir estas virtudes, deveria ter em mente as funções de proteção da fé católica e do temor a Deus: “[...] Ofício do cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o Pai, enviou seu filho para encarnar na viagem gloriosa Nossa Senhora Santa Maria e para a fé ser honrada e multiplicada, sofreu neste mundo muitos trabalhos e muitas afrontas e grande morte” (LLULL, 1279, C. II. 2). Por meio da função de manter a fé católica e de seu exemplo, visto como uma virtude perante a sociedade, o Cavaleiro proposto por Ramon Llull, para ser digno de pertencer à ordem de cavalaria, deveria, além de cumprir com sua função, não possuir atitudes que contradigam ao exemplo que devem ser. Observa-se a preocupação com o elemento que possui a honra de cavaleiro e não se comporta conforme suas responsabilidades:

Ofício de cavaleiro é manter as viúvas, órfãos, homens despossuídos; porque assim como é costume e razão que os maiores ajudem os menores, e os menores achem refugio nos maiores, assim, é costume da Ordem de Cavalaria, que, por ser grande e honrada e poderosa, vá em socorro e ajuda daqueles que estão por debaixo em honra e em força. Ora, se forçar viúvas que têm mister de ajuda, e deserdar órfãos que têm mister de protetor, e roubar e destruir os homens mesquinhos e despossuídos a quem se deve socorrer, concorda com a Ordem de Cavalaria, então maldade, engano, crueldade e falta convém com a Ordem e a nobreza e a honra. E se isto é assim, então cavaleiro e sua Ordem são contrários ao princípio da Ordem de Cavalaria (LLULL, 1279, C. II. 19).

Não ser um mau exemplo perante a sociedade e refletir a maldade, o engano e a crueldade, que não são parte do princípio da ordem de cavalaria deveria ser parte da conduta do cavaleiro que tem em mente suas responsabilidades. Llull sugere que as virtudes devem refletir, além da conduta, no corpo e na alma do cavaleiro que é amigo e responde ao princípio da cavalaria. No que se refere ao corpo, suas virtudes deveriam refletir nas ações de cavalgar, justar, lançar a tábua, andar com armas, participar de torneios, esgrimir, caçar e todas as coisas que fazem parte do ofício do cavaleiro, tendo em mente que todas estas ações são parte de uma ação maior: manter e defender a fé de Cristo. E para tanto, de nada adianta um cavaleiro ter todas as habilidades físicas necessárias e não possuir no reflexo de suas ações e em sua alma o verdadeiro amor e temor à Deus. Nesses termos, afirma:

E por isso, o cavaleiro que usa destas coisas que pertencem à Ordem de Cavalaria quanto ao corpo, e não usa quanto à alma daquelas virtudes que pertencem à Cavalaria, não é amigo da Ordem de Cavalaria, porque se o fosse, seguir-se-ia que o corpo e a Cavalaria juntos fossem contrários à alma e às virtudes, e isso não é verdade (LLULL, 1279, C.II, 11).

Desse modo, é possível observar que Llull fazia uma distinção entre os cavaleiros que pertenciam à ordem e respeitavam ao ideal de nobreza, virtudes, amor e temor à Deus e aos cavaleiros que possuíam todas as habilidades físicas necessárias para a cavalaria, mas não possuíam estas virtudes. Assim estes se tornavam modelos de conduta negativa, e uma ordem que não possuía em sua essência seu real valor. Llull denuncia a violência e a injúria dos cavaleiros de seu tempo, sugerindo que, quando não há o objetivo maior de paz para a guerra, ela não possui uma real função, pois não respondem ao ideal do princípio da cavalaria e, portanto, colocam em cheque a existência desta instituição. Afinal, justiça e paz não são contrárias à cavalaria, e não a injustiça e o amor à guerra puramente, sem um objetivo maior: “[...] Se assim o fosse, então estes cavaleiros agora que são inimigos da paz e amam guerras e trabalhos são cavaleiros; e aqueles que pacificam as gentes e fogem destes trabalhos são injuriosos e são contra a Cavalaria” (LLULL, 1279, C. II, 35a). Observamos nesta afirmação o tom irônico, uma vez que a dos maus trabalhos e a busca pela pacificação da sociedade, mesmo que pela força, são princípios inerentes à cavalaria apresentada por Ramon Llull.

Considerações Finais

A ironia sugerida por Llull possui fundamento, uma vez que para Barthelemy (2000) a figura do guerreiro cada vez mais embrutecido, que participava das atividades de cavalaria não por amor a Deus, mas por amor à guerra, era existente. E este fundamento, somado ao sentimento evidenciado por Llull de que, sem virtudes, o ofício da cavalaria não possui sentido, permitem compreender os questionamentos levantados por ele:

Logo, se isto é assim, e os cavaleiros que agora existem usam o ofício da Cavalaria sendo injuriosos e guerreiros e amadores do mal e de trabalhos, pergunto qual coisa eram os primeiros cavaleiros, que se concordavam com a justiça e com a paz, pacificando homens pela justiça e pela força das armas? Pois, assim como nos tempos primeiros, é agora o ofício de cavaleiro pacificar os homens pela força das armas; e se os cavaleiros guerreiros, injuriosos, que existem nestes tempos em que estamos, não

estão na Ordem de Cavalaria nem possuem o ofício do cavaleiro, onde está a Cavalaria, e quais e quantos são aqueles que estão em sua Ordem? (LLULL, 1279, C.II, 35b).

Este questionamento parece ter uma profunda relação com o objetivo do trabalho, de analisar o *Livro da Ordem de Cavalaria* como uma retomada dos ideais da cavalaria Cristã no século XIII. Ele demonstra talvez as indagações que inspiraram Llull a questionar a existência da ordem e sua função no século XIII, uma vez que não era mais praticada como Llull a considerava em séculos anteriores – permeada por virtudes, ideal de amor e temor à Deus, defesa dos mais fracos, pacificação da sociedade por meio da força, mas com um objetivo de justiça. Se estas faltam, as quais eram o princípio da cavalaria, razão pela qual esta ordem teria sido criada por Deus para ajudar aos homens segundo Llull, então a cavalaria existente no século XIII não possui função, e não é, portanto, uma ordem de cavalaria.

Este elemento, por sua vez, remete à conversa entre o velho e o aspirante a cavaleiro. Uma vez que aquele homem que buscava pertencer à ordem de cavalaria não sabia qual era a real função do cavaleiro, seu começo, seus princípios e os conhecimentos necessários para exercer esta função. Esse entendimento demandava uma reflexão profunda e consequente tomada de decisão consciente de sua atuação na sociedade e de que seria um modelo de conduta. Esses atributos poderiam caracterizar não só os cavaleiros que estavam a caminho daquele reino, mas personificava todo um conjunto de cavaleiros da época, talvez sua maioria. Estes, por mais que dotados de elementos físicos e capacidades para realizar trabalhos com o corpo, por mais que conscientes de sua importância e poder, estavam desprovidos das virtudes necessárias para a alma, da reflexão de sua responsabilidade perante a sociedade e, no caso, perante a fé cristã. Para auxiliar na busca por este ideal e explicar como e porque estas virtudes foram necessárias ao princípio da cavalaria e ao ofício de cavaleiro, Llull apresenta a ele *O Livro da Ordem de Cavalaria*.

O cavaleiro entregou o livro ao escudeiro; e quando o escudeiro acabou de ler, entendeu que o cavaleiro é um eleito entre mil homens para haver o mais nobre ofício de todos, e tendo então entendido a regra e a Ordem de Cavalaria, pensou consigo um pouco e disse: ‘- Ah, Senhor Deus! Bendito sejais Vós, que me haveis conduzido em lugar e em tempo para que eu tenha conhecimento de Cavalaria, a qual foi longo tempo desejada por mim sem que soubesse a nobreza de sua Ordem bem a honra em que

Deus pôs todos aqueles que são da Ordem de Cavalaria (LLULL, 1279, Prólogo, 10).

Llull sugere que, assim como aquele escudeiro pôde compreender profundamente os princípios, ideais e virtudes pertencentes à ordem de cavalaria por meio da leitura do livro, a entrega do livro ao rei e aos outros cavaleiros, que caracterizava simbolicamente a difusão de seu livro e de seus ensinamentos, poderia auxiliar aos homens da Europa Medieval, do século XIII, na compreensão da necessidade da retomada de valores e ideais que eram próprios da cavalaria cristã, e haviam sido paulatinamente perdidos pelos cavaleiros daquela época. Observamos também a importância que Llull traz ao conhecimento contido em um livro e como este traria respeito à cavalaria, por ser um conhecimento letrado, de forma que esta fonte literária se torna importante e rica fonte de estudo para a História da Educação.

Referências

ARIAS, Ademir Aparecido de Moraes. A Rapina como meio de vida da aristocracia cavaleiresca: o exemplo da “Gesta dos Lorenos”. n: ZIERER, Adriana (org), SOUZA, Neila, GOMES, Flavia Santos (colab). **Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares**. São Luis: Editora UEMA, p.11 – 18, 2010.

BARTHÉLEMY, Dominique. La legende dorée des chevaliers du Moyen Age. **L’Histoire**. Puisseaux: n. 224 Juin 2000.

_____ **La Mutation de l’an mil a-t-elle eu lieu?** Paris: Fayard, 1997.

DUBY, Georges. **A sociedade Cavaleiresca**. Tradução de Antônio de Pádua Danesil. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRANCO JR, Hilário. **O feudalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____ **As Cruzadas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LLULL, Ramon. **O livro da Ordem de Cavalaria**. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000.

LUPI, João. n: ZIERER, Adriana (org), SOUZA, Neila, GOMES, Flavia Santos (colab). **Uma viagem pela Idade Média:** estudos interdisciplinares. São Luis: Editora UEMA, p.127 – 144, 2010.

OLIVEIRA, Terezinha. Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino **Associação Nacional de História – ANPUH XXIV Simpósio Nacional De História - 2007 *****

ROUSSET, Paul. **História das cruzadas.** Trad. Roberto Cortes de Lacerda [*Histoire des croisades*. Paris, Payot, 1978]. Rio, Zahar, 1980. págs. 217; 220

SOUZA, Neila Matias de. A demanda do Santo Graal e o melhor dos melhores cavaleiros do mundo. In: ZIERER, Adriana (org), SOUZA, Neila, GOMES, Flavia Santos (colab). **Uma viagem pela Idade Média:** estudos interdisciplinares. São Luis: Editora UEMA, p.247-262, 2010.

ZIERER, Adriana. O modelo Pedagógico de Cavaleiro segundo Ramon Llull. *In:* OLIVEIRA, T. e MACHADO, M. C. G.(org) **Educação na Historia.** São Luiz, MA. Editora UEMA, 2008.